

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2007

Palestrante: Vasco Mariz

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 04 de dezembro de 2007

Hora: 17:30

Hesitei bastante em recordar minha trajetória musical, mas cedi afinal aos amáveis pedidos de Ricardo Tacuchian e Valéria Peixoto. Talvez seja uma boa oportunidade para esclarecer dúvidas a meu respeito como músico e ao meu trabalho como escritor sobre música. Devo dizer, para começar, que nunca cheguei a ser um profissional da música e pouco dinheiro ganhei com meus numerosos trabalhos sobre música que, no entanto, me trouxeram vários lauréis e muita satisfação. Mas vamos começar pelo começo.

Minha família pelo lado materno sempre se interessou por arte. Meu avô, José Maria da Cunha Vasco, foi um verdadeiro patrono das artes e sua casa em Botafogo estava cheia de obras de artistas importantes do início do século XX: Rodolfo e Henrique Bernardelli, Columbano (que fez belíssimo retrato dele, hoje em museu português), etc. Minha mãe, Anna da Cunha Vasco, a aquarelista do Leme, tem obras em diversos museus brasileiros e numerosos livros de história da arte no Brasil a mencionam com relevo e reproduzem suas aquarelas do Rio antigo. Há uma rua com seu nome em Campo Grande/RJ, em condomínio elegante com as ruas batizadas com nomes de artistas célebres de sua época. Um deles é Eugen Szenkar. Curiosamente, minha mãe era também uma boa pianista e foi com ela que aprendi os rudimentos da música e ela me ensinou a apreciar as obras dos grandes compositores. Meu pai, Joaquim Mariz, homem de negócios com boa formação clássica, não tinha bom ouvido para a música, nem se interessava por arte.

Depois que a minha voz ficou formada, gostava de cantar canções e árias fáceis de óperas, e diziam-me que tinha boa voz e devia estudar canto. Meu pai não me estimulou e chegou até a opor-se que estudasse música com seriedade. Nessa altura já havia perdido minha mãe, morta prematuramente aos 57 anos de idade. Meu pai casou-se de novo e minha madrasta, D. Acácia, apoiou minha pretensão de ingressar no Conservatório Brasileiro de Música, na Avenida Graça Aranha, em local onde ainda hoje funciona. Estava com cerca de vinte anos e fui estudar canto com a professora Roxy King Shaw, uma norte-americana que havia sido importante cantora wagneriana na Europa no início do século, e que figura em diversas enciclopédias nacionais e estrangeiras. Francisco Mignone e Lorenzo Fernández, que ensinavam no conservatório, me ouviram cantar e insistiram que estudasse música com seriedade. Meu pai era amigo de um dos diretores do Theatro Municipal, Salvatore Ruberti, autor de um livro sobre Carlos Gomes, que me fez participar de uma audição, onde me saí bem. Fiz vários pequenos papéis em diversas óperas e fui ganhando experiência no palco. Em 1945 fui convidado a participar de uma companhia de óperas mozartianas, do professor Ernest Têmpel, e viajamos a Porto Alegre, onde interpretamos Don Giovanni e Bodas de Fígaro, no Teatro São Pedro, com bastante sucesso. Fiz o Comendador na primeira e Don Bártolo na segunda. Os críticos locais me ignoraram no Don Giovanni, mas me elogiaram como Don Bártolo. De volta ao Rio de Janeiro, prestei concurso para a carreira diplomática por insistência de meu pai e fui aprovado, começando a trabalhar em dezembro de 1945.

Um grande maestro italiano certa vez conversou comigo no teatro e me aconselhou a dedicar-me ao canto de câmara. Disse-me ele: "Você tem um bonito timbre, mas sem o volume necessário para ser um cantor de ópera de primeira linha. Como você é pessoa de bastante instrução e fala várias línguas, dedique-se à música de câmara e poderá ser um bom cantor de *lieder*. Impedido de continuar no teatro enquanto trabalhava no Itamaraty, comecei a dedicar-me à música de câmara, onde conseguiria meus maiores êxitos como intérprete.

Outro aspecto da minha vida musical na época foi o convívio social frequente com ilustres personalidades da música: Francisco Mignone, Lorenzo Fernández, Renato Almeida, Luiz Heitor Correa de Azevedo (naquele tempo eu namorava uma sobrinha de Violeta), Andrade Muricy, Eurico Nogueira França, Luís Cosme, Arnaldo Rebelo, Fructuoso Viana, Radamés Gnattali e tantos outros nomes, alguns deles hoje injustamente esquecidos. A convite de Muricy e de Nogueira França, diversas vezes escrevi em suas colunas no "Jornal do Comércio" e no "Correio da Manhã", com artigos sobre a música brasileira.

Nessa altura eu já começava a dar-me conta da incompatibilidade da minha carreira diplomática com a carreira musical e para não me afastar da música, comecei a escrever sobre temas musicais. Frei Pedro Sinzig havia publicado na época um dicionário técnico-musical e seu editor, a Livraria Kosmos, convidou-me a escrever um dicionário bio-bibliográfico musical, o primeiro a ser publicado no Brasil, obra simples e a preço baixo, com verbetes curtos destinado à consulta de alunos de conservatórios. Este seria o meu primeiro livro e vali-me muito da biblioteca do Sr. Abraão de Carvalho, a melhor do Brasil, depois incorporada à Seção de Música da Biblioteca Nacional. Dei nesse livro o merecido destaque aos compositores brasileiros, sempre minimizados ou esquecidos em obras semelhantes de maior fôlego. Esse dicionário foi muito bem acolhido pela imprensa nacional e teve mais duas edições atualizadas em 1977 e 1992, pela editora Civilização Brasileira, de Enio Silveira.

Estávamos em 1946 e nessa altura embarquei em perigosa aventura, devidamente estimulado por Renato Almeida e Luiz Heitor - escrever a primeira biografia de Villa-Lobos. "Somente a ousadia de um jovem de 25 anos poderia enfrentar tamanha tarefa, escreveu Luiz Heitor, pois ninguém mais, nem Muricy, quem melhor conhecia o mestre, se havia atrevido." Durante meses visitei Villa-Lobos em seu pequeno apartamento da Rua Araújo Porto Alegre. Contou-me alguns divertidos pormenores de sua vida que estão em meu livro, comentamos sua obra musical, fizemos música juntos. Na época ele escrevia a opereta *Magdalena* e fez questão de ensinar-me a cantar as árias do barítono que, aliás, eram um pouco altas para minha tessitura. Nesse ínterim, todos me acautelavam: "Não aceite tudo o que ele lhe vai dizer!", preveniu Luiz Heitor. Por sua vez Renato Almeida também me aconselhava: "Cuidado, ele é um monstro e vai engolir você. Seu livro vai ser uma verdadeira autobiografia e vão rir de você, que se prestou a isso". Realmente, Villa-Lobos foi um interlocutor temível, ele representava para mim certas cenas engraçadas, louvava enfaticamente todas as suas obras, o que me deixava sem parâmetros para escrever. Confesso que devo muito a Renato e Luiz Heitor por seus conselhos.

Esse receio de ser um mero porta-voz do mestre levou-me a cometer um erro. Eu deveria ter-lhe mostrado os originais, discutido com ele alguns aspectos mais delicados. Talvez por medo de que ele exigisse que eu recomeçasse tudo de novo, não lhe dei o texto a ler. Eu me arrependeria. Quando o livro saiu, já em 1949, em edição da Divisão Cultural do Itamaraty, houve um grande silêncio. Só soube por que 25 anos depois. O Villa nunca mais me dirigiu a palavra e como eu estava trabalhando no exterior, recebi por correspondência os parabéns de amigos e críticos, que me felicitaram por haver encontrado o *mot just* sobre a obra do mestre. Meu chefe em Belgrado, o poeta e acadêmico Rui Ribeiro Couto, achou que fui severo demais ao comentar certas obras. Anos mais tarde, conversando com Renato Almeida, ele me disse que eu, talvez por receio de fazer uma obra demasiado elogiosa, salientei talvez excessivamente os defeitos do compositor.

Em 1977, estava eu de novo no Rio de Janeiro e certa vez me encontrei com Mindinha em reunião social. Disse-me ela: "Venha conversar comigo no Museu sobre o seu livro". Estranhei o convite, mas fui visitá-la dias depois. Nossa conversa me fez cair das nuvens: Villa-Lobos havia ficado zangado comigo, não pelos comentários sobre a sua obra, mas por um episódio relatado no início do livro sobre os ensaios dos grandes concertos corais dos anos trinta e quarenta. Conteí em meu livro que o conhecera em um desses ensaios, na Praia Vermelha, na Urca, do qual participei como escoteiro do mar. Ali estava para ajudar a manter as crianças em ordem, atentas ao mestre. Havia brincadeiras de grupos de meninos e meninas e certa vez o maestro desceu do pódio enfurecido e sapecou cascudos em muitos dos rapazes. Na confusão, eu que estava perto, também levei um cascudo. Bem, essa historinha pitoresca foi interpretada por Villa-Lobos como se eu estivesse insinuando no livro que ele batia sistematicamente nos jovens para que cantassem nos ensaios e concertos. E nunca mais falou comigo. Mindinha elogiou muito o meu livro e pediu-me para fazer uma nova edição pelo próprio museu. Confesso que me emocionei e nos abraçamos, mas tratei de deixar mais clara a historieta na nova edição da biografia, a fim de evitar mal-entendidos. Aliás, o Museu produziu a 5ª e a 7ª edições da obra, a última sem autorização minha, pois teria desejado fazer algumas alterações e melhorias no texto. Queixei-me a Celso Furtado, então Ministro da Cultura, mas ele me consolou dizendo que certa vez chegara ao Japão, onde lhe mostraram uma tradução japonesa de um livro seu que ele nunca havia autorizado...

Essa biografia de Villa-Lobos já chegou à 12ª edição, a última das quais premiada pela Academia Paulista de História, em 2006. Esclareço que tenho tido sempre o cuidado de incorporar novas descobertas sobre a vida de Villa-Lobos nas novas edições, melhorei a redação e eliminei pequenos erros ou impropriedades. Afinal, o texto de um rapaz de 25 anos, em 1947, não podia ser o mesmo de um homem de 85 anos, em 2006, por ocasião da publicação da 12ª edição da biografia.

Nesse período de 1945 a 1947 tive muita atividade cultural no Rio de Janeiro e frequentei as aulas do Koellreutter, onde conheci um rapaz magrinho e simpático chamado Edino Krieger, com menos de vinte anos. Tornei-me amigo de Cláudio Santoro e Guerra-Peixe e fiz um bom trabalho de aproximação dos jovens compositores com os medalhões Francisco Mignone, Lorenzo Fernández, Renato Almeida, Luiz Heitor e Andrade Muricy, com quem tinha muita convivência. Guerra-Peixe reconheceu a utilidade dessa aproximação em artigo

sobre o movimento musical naquela época. Tive também ocasião de ajudar Claudio Santoro, que não pudera viajar para os EUA por motivos políticos e recebera uma bolsa francesa muito modesta. Consegui um auxílio mensal do Itamaraty em reforço a sua bolsa, que lhe foi muito útil e selou nossa amizade até o seu prematuro falecimento.

Quando fui nomeado Vice-cônsul do Brasil no Porto, em 1948, levei para Portugal numerosos escritos inéditos sobre a música brasileira. Lá fiz amizade com o grande editor José Lello, o editor de Eça de Queiroz, e disso resultou a publicação de três livros: “Figuras da Música Brasileira Contemporânea”, “A Canção de Câmara no Brasil” e “Vida Musical”. O primeiro contém seis estudos sobre compositores brasileiros, além de quadros com as respectivas obras completas. Foi o primeiro livro a ser publicado com longos estudos sobre Fructuoso Viana, Luís Cosme, Radamés Gnattali, Guerra-Peixe e Cláudio Santoro. Esse livro teve uma 2ª edição atualizada em 1970 pela Universidade de Brasília. Obviamente esses estudos estão hoje obsoletos.

Já a “Canção de Câmara no Brasil” virou livro importante. Em 1959 foi ampliado com uma nova parte dedicada à música popular e publicado por Simeão Leal no antigo MEC, obra que causou sucesso na época e divulgou meu nome como musicólogo, servindo até de livro base para um programa de perguntas e respostas na TV Globo. Esse era o primeiro livro sério e bem documentado sobre a MPB, segundo já escreveu Ricardo Cravo Albin. A obra mudou de nome para apenas “A Canção Brasileira” e teve mais cinco edições, a última delas em 2004. Luis Paulo Horta, em sua coluna de “O Globo”, considerou este livro "um clássico da musicologia brasileira."

Já que estamos falando em musicólogo e musicologia, me parece oportuno esclarecer agora os títulos do autor. Eu estudei com Mignone e Lorenzo Fernández, mas nunca cheguei a terminar um curso completo de música, pois fui transferido para Portugal em 1948 quando estava recebendo aulas daqueles grandes músicos brasileiros. Nunca mais tive oportunidade de retomar os estudos de maneira sistemática. Portanto, meus conhecimentos de música estão longe de ser completos e confesso francamente que, por vezes, não tenho condições de ler uma partitura de música de vanguarda. Então alguém poderá perguntar: com que autoridade eu escrevo sobre esse ou aquele aspecto da música brasileira moderna ou internacional, se a minha formação musical foi incompleta?

Em relação à nossa música direi que uma das qualidades dos meus livros é que eu comentei as obras de nossos compositores de muito perto. De muitos deles fui amigo, convivi com eles e assisti à criação de algumas de suas obras importantes, discutindo com eles pormenores desses trabalhos. Muitos desses compositores escreveram mais de vinte canções para a minha voz, dei concertos e fiz gravações com eles, ou ainda cantei com orquestra dirigida por um deles, o severo Radamés Gnattali. Em 1955 gravei um disco Sinter com canções de Mignone, Guarnieri, Siqueira, Santoro, Hekel Tavares e Guerra-Peixe, acompanhado pelos próprios compositores, em uma tentativa de fazer uma gravação padrão dessas canções. A Rádio MEC tem essa gravação e por vezes ainda a repassa. Essa relativa intimidade com os compositores brasileiros mais significativos emprestou uma autoridade especial aos meus livros e uma credibilidade que se estende até hoje.

Além disso, poderia acrescentar que vivi boa parte da minha vida no exterior em grandes cidades na Europa e Estados Unidos, onde conheci também numerosos compositores, assisti às *premières* de diversas obras importantes e apresentações de alto mérito que constituem minha bagagem musical, o que me dá também, de certo modo, autoridade para julgar. Frequentei os festivais de Salzburgo e de Bayreuth, o Scala de Milão, a Ópera de Paris, o Metropolitan de Nova York e outros teatros menos bons. A última vez que cantei em público foi em Nápoles, em 1957, no tradicional Teatro San Carlo, fazendo o papel de Alvisé Badoero na ópera *Gioconda*, de Ponchielli. Com essa bagagem musical, que muitos músicos completos não tiveram oportunidade de gozar, eu me sinto com autoridade suficiente para continuar a escrever sobre música, o que faço até hoje com prazer. Falando da minha curta permanência em Portugal, menos de dois anos, recordo o período em que, a convite do diretor do "Jornal de Notícias", fiz crítica musical da temporada de ópera italiana de 1949 no Porto. Fiz amizade pessoal com o grande compositor e folclorista Armando Leça e como editor temporário da revista "Brasil Cultural", em Portugal, organizei um número especial sobre a música clássica brasileira, que agradou bastante e teve a colaboração de Luiz Heitor, Renato Almeida, Eurico Nogueira França, Andrade Muricy, Armando Leça e outros. Ainda no Porto, sob a batuta de Marius François Gaillard, velho amigo de Villa-Lobos nos anos trinta em Paris, interpretei *A Despedida de Wotan*, das *Valquírias*, com a orquestra sinfônica local. Foi arriscado porque o Cônsul do Brasil no Porto não deveria ser vaiado, mas o experiente regente soube dosar muito bem a orquestra para compensar o volume insuficiente da minha voz. Como no andamento cantabile meu timbre de voz sobressaiu bem, fomos muito aplaudidos. Anos depois, fui repreendido por assumir risco semelhante.

Do Porto fui enviado pelo Itamaraty a Belgrado, Iugoslávia, para assessorar o poeta e acadêmico Rui Ribeiro Couto na embaixada do Brasil e a mudança não foi fácil. A música ajudou-me na adaptação, pois fiz logo boas relações com cantores, regentes e compositores importantes, como Petar Konjovic. Estávamos em 1949, poucos anos depois do fim da Grande Guerra, e me surpreendi com o movimento musical na capital sérvia. Ajudou-me a embaixatriz da Itália, excelente cantora muito bem relacionada, o que resultou em numerosas noitadas musicais. Em Belgrado havia ópera diariamente, com repertório alemão e russo, tudo cantado em servo-croata, o que me parecia bastante estranho. Viajei várias vezes à vizinha Budapeste, onde também havia excelente movimento musical e operas diárias, cantadas em magiar. Lá fiquei amigo de Zoltan Kodaly, que conhecera Villa-Lobos no final dos anos trinta em Paris.

De Belgrado voltei ao nosso lado do mundo e fui nomeado Cônsul em Rosário, a segunda cidade da Argentina, onde também havia boa vida musical, com a presença de grandes solistas internacionais que se exibiam no belo Teatro El Circulo. Nessa época eu ainda cantava regularmente e realizei diversos recitais em Buenos Aires, La Plata, Córdoba e Mendoza com bastante agrado. Ajudaram-me bastante o grande compositor argentino Alberto Ginastera e o musicólogo Gilbert Chase, adido cultural dos EUA. Em Rosário publiquei uma plaquete em espanhol sobre aquele notável compositor argentino, que faria mais tarde grande sucesso nos EUA. Organizei também um livro intitulado "Música Brasileña Contemporânea", com a colaboração de Luiz Heitor, Renato Almeida, Nogueira França e outros. Em 1954 estava novamente no Rio de Janeiro trabalhando no Itamaraty.

Meu chefe da Divisão Política advertiu-me que, se eu realmente desejava fazer uma carreira diplomática importante, deveria afastar-me da música, pelo menos temporariamente. Meus competidores se referiam a mim de maneira pejorativa como "o músico" ou "o cantor" e isso criava uma falsa imagem minha como funcionário diplomático. Mesmo assim, fiz vários recitais em São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro. Celso Brant, então crítico musical de "O Estado de Minas Gerais", escreveu que eu era, no momento, o melhor cantor de câmara brasileiro. Em 1955 gravei para a Sinter um LP com canções brasileiras, todas escritas para minha voz, acompanhado pelos seus autores, como já me referi. A Rádio MEC ainda, por vezes, transmite esse LP. Nessa época, visando acelerar minha carreira, meti-me na política e convenci meu amigo Clovis Salgado, então governador de Minas Gerais, a organizar o primeiro Festival de Arte de Ouro Preto, que foi um grande sucesso em 1955. Tomei parte na campanha eleitoral de Juscelino Kubistchek e influenciei a designação de Clovis Salgado para o Ministério da Educação e Cultura. Fui nomeado porta-voz do Ministério das Relações Exteriores e alguns meses mais tarde, como a minha promoção a Primeiro Secretário ainda estava distante, Juscelino nomeou-me Cônsul do Brasil em Nápoles. Nessa belíssima cidade tive a mais forte desilusão da minha carreira musical como cantor, que foi definitivamente encerrada. Eu me tornara amigo de Amedeo Mammarella, diretor do teatro de San Carlo, de Nápoles, que ao ouvir-me cantar em minha casa, amavelmente me convidou a apresenta-me na ópera. Escolhemos *La Gioconda*, de Ponchielli, e fiz o papel do doge Alvise Badoero, cuja tessitura se adaptava bem à minha voz. Fui aplaudido e a crítica elogiou meu desempenho. Infelizmente a notícia chegou até Roma e o embaixador Alencastro Guimarães convocou-me a conversar. Foi muito severo comigo, dizendo que, como Cônsul do Brasil, eu não tinha o direito de me arriscar a ser vaiado, como é frequente na Itália. Não cheguei a ser punido, mas fui advertido formalmente de que não deveria repetir a gracinha. O episódio me chocou profundamente, pois se, após numerosos ensaios, o diretor do teatro e o maestro estavam satisfeitos com a minha participação o risco era mínimo. Nunca mais cantei em público.

De Nápoles fui enviado a Washington, onde a minha carreira diplomática realmente se acelerou. Assumi a chefia do setor cultural e de imprensa da embaixada, o que me fez viajar muito pelo país em defesa da chamada política externa independente, de Jânio Quadros e João Goulart. Mas não me descuidei da música e tive ocasião de ajudar vários artistas brasileiros de passagem por Washington e Nova York. Lembro-me que ofereci em minha residência uma recepção em homenagem a Camargo Guarnieri, que fora a Washington participar do Festival Interamericano de Música, da OEA, onde estreava um de seus concertos para piano e orquestra. Estiveram presentes João Carlos Martins, Alberto Ginastera, Carlos Chavez e outros compositores latino-americanos que participaram do Festival, além de críticos musicais dos jornais da capital. Recordo-me também que assisti em Nova York à famosa noite da música popular brasileira no Carnegie Hall, em 1962, que foi um grande êxito e lançou a bossa nova em âmbito mundial. É importante sublinhar que em 1960, 1961 e 1962, participei das Assembleias Gerais das Nações Unidas como assessor de nossa delegação e a minha carreira diplomática finalmente deslançou.

No ano seguinte, por interferência e com prefácio de Gilbert Chase, foi publicada em forma condensada uma tradução inglesa da minha biografia de Villa-Lobos pela

Universidade da Flórida. Era a primeira das seis edições em línguas estrangeiras. Em 1967, saiu a edição francesa, que anos depois seria traduzida para a edição pirata russa de 1977; em 1970, apareceu a segunda edição norte-americana, em Washington, em versão completa; em 1987, a edição colombiana-mexicana publicada em Bogotá, também em forma condensada, e finalmente a bela edição italiana, organizada e traduzida pelo nosso acadêmico correspondente Gaspare Nello Vetro, em Parma. Uma versão alemã estava quase pronta em Leipzig, Alemanha Oriental, em 1989, quando caiu o muro de Berlim e a editora foi à falência.

Em 1964 comecei a dirigir a Divisão Cultural do Itamaraty, onde dispunha nada menos de US\$400.000 anuais só para a divulgação da música brasileira, e não era fácil gastar tanto. Mozart de Araújo era o meu auxiliar para a música. Uma das minhas decisões foi fazer com que artistas brasileiros participassem dos principais concursos internacionais de música para marcar a presença do Brasil. Pagava-lhes as passagens e uma ajuda de custo para seus gastos durante o certame. Um dos beneficiários foi o jovem violonista Turibio Santos, que venceu o concurso de violão em Paris e lá iniciou sua brilhante carreira. Numerosos artistas fizeram turnês pela América Latina, Europa e Estados Unidos. Por nossa iniciativa e financiamento, importantes orquestras internacionais ofereceram concertos com música brasileira. A carreira de Isaac Karabtchevsky começou depois que teve oportunidade de dirigir as orquestras sinfônicas de Praga, Tel Aviv e Amsterdam financiado pelo Itamaraty. Nesse mesmo programa da Divisão Cultural a peça “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, venceu o concurso de teatro em Nancy e apresentou-se depois com sucesso no Teatro Olympia, de Paris. Foi o início da carreira de Chico Buarque.

Em janeiro de 1967 fui promovido a Ministro Plenipotenciário e designado novamente para Washington como representante do Brasil junto à Organização dos Estados Americanos. O chefe da Divisão de Música da OEA, o colombiano Guillermo Espinosa, organizou a minha eleição, em 1967, para a presidência do CIDEM, organismo interamericano de educação musical, sobre o qual a Fátima Tacuchian realizou um belo estudo. Nesse cargo tive ocasião de presidir a Conferência Panamericana de Educação Musical realizada em Medellín, Colômbia, em 1968. No mesmo ano, organizamos em Washington o Festival Bienal de Música Interamericana, quando mandei chamar da Alemanha a nossa grande cantora Maura Moreira, que nos ofereceu uma belíssima interpretação do “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos e Carlos Drummond de Andrade.

No final de 1969 estava novamente em Brasília para dirigir o Departamento Cultural do Itamaraty, onde permaneci cerca de ano e meio. Confesso que essa segunda estada na chefia da área cultural foi menos estimulante, pois nossas verbas haviam sido fortemente cortadas. De lá saí para a minha primeira embaixada, em Quito, Equador, país onde se faz relativamente pouco em música clássica. Três anos depois, em 1974, regressei a Brasília para ser Secretario de Assuntos Legislativos, isto é, o elemento de enlace entre o Itamaraty e o Congresso Nacional, o que seria uma experiência muito interessante.

Confesso que nesse período de 1971 a 1977 não tive muitas oportunidades para trabalhar pela música brasileira, a não ser fazer a 5ª edição da minha biografia de Villa-Lobos pelo

Museu, a que já me referi antes. Nesse mesmo ano de 1977 foi publicada em Leningrado a versão russa, pirata, da qual só tive conhecimento oito anos depois, na Alemanha. É um livrinho modesto, de bolso, impresso em papel ordinário, mas que teve uma tiragem de dez mil exemplares. Em 1992 visitei Leningrado, agora denominada São Petersburgo, e fui direto ao endereço da minha editora pirata, a editora Musyka, que encontrei em estado deplorável. O atual diretor contou-me que meu livro fazia parte da coleção "Musiciens de tous les Temps", da editora Pierre Seghers, de Paris, cujos direitos foram adquiridos para fazer uma edição russa de toda a coleção. Minha biografia estava esgotada e o diretor acabou pedindo-me dinheiro, pois a editora se encontrava em estado de abandono lamentável.

Em 1975 eu havia sido promovido a embaixador (em Quito era apenas embaixador comissionado) e após meu estágio de quase três anos no Congresso Nacional, fui designado embaixador em Israel, onde trabalhei cerca de cinco anos e acabei como decano do corpo diplomático. Como sabem, Israel é um país de grande atividade musical. Em Tel Aviv consegui bom relacionamento com os dirigentes da famosa Filarmônica e em 1979 encaixei nossa excelente cantora Maria Lucia Godoy na programação da orquestra, com a qual ela interpretaria a *Bachiana n°5* e as três canções de Ravel, do ciclo *Don Quixote à Dulcinéia*. Os cartazes já estavam nas ruas quando Maria Lucia me telefonou dizendo que não poderia viajar, pois sua mãe estava seriamente doente. Os dirigentes da Filarmônica ficaram indignados e eu pedi mil desculpas a Zubin Mehta. Até hoje não sei se Maria Lucia ficou com medo do desafio, ou se efetivamente sua genitora estava mesmo gravemente doente. Nunca mais tive coragem de sugerir qualquer solista brasileiro para a orquestra. Artur Moreira Lima esteve em Israel e se apresentou com uma orquestra de câmara, com pequena repercussão. Grande sucesso fez o conjunto de música popular de Sergio Mendes.

Acrescento que nesse período, de 1977 a 1982, fiz o meu último esforço para cantar e fazer música, embora de maneira privada. Tinha piano em casa e um bom acompanhador e lá fizemos música com Daniel Barenboim e seus pais, argentinos que residiam em Tel Aviv. Foi nesse período que escrevi meu livro mais importante - a "História da Música no Brasil". Hesitei em atender ao pedido do editor Enio Silveira, da então poderosa Civilização Brasileira, devido à distância que me separava do Brasil, mas o correio funcionou bem e obtive as informações que precisava. Consultei Luiz Heitor Amiúde pelo telefone em Paris e no ano seguinte da saída do livro, em 1982, recebi o Prêmio José Veríssimo, como melhor ensaio histórico de 1983, da Academia Brasileira de Letras. Creio que este meu livro é a única obra premiada pela ABL em nossa bibliografia musical. Em 2000, a Associação Paulista dos Críticos de Arte/APCA concedeu-me por aquele livro o Grande Prêmio da Crítica. E naquele mesmo ano a Comissão Nacional dos festejos do Descobrimento do Brasil incluiu minha "História da Música no Brasil" entre os cem livros básicos da chamada "Biblioteca dos 500 Anos", o que muito me envaideceu. Essa obra está agora na 7ª edição e a editora é a Nova Fronteira. Ela se vende bem como única obra de referência disponível para os alunos de conservatórios e universidades.

Ao sair de Israel em 1982 fui designado para assumir a embaixada no Peru, com o objetivo de aproveitar minha vivência dos assuntos do Pacífico, que obtivera no Equador, anos atrás. Em Lima também não se faz muita música clássica e a chamada Sinfônica de Lima

era fraquíssima. Conversando com seu presidente, ofereci-lhe a vinda por três meses de um maestro brasileiro experiente para reorganizar a orquestra. Acertei com o Itamaraty a vinda de nosso saudoso Mario Tavares, que anos atrás havia feito um bom trabalho semelhante no Chile. Ele ficou hospedado comigo na embaixada e realizou um excelente trabalho em Lima. A orquestra apresentou-se em dois concertos sob a sua batuta e agradou imensamente às autoridades culturais e à imprensa da capital peruana. Pouco depois consegui que o Itamaraty lhe concedesse a Medalha Rio Branco, em recompensa pelos bons serviços que prestara à política externa do Brasil no Chile e no Peru. Recordo também que em Lima obtive de uma boa estação de rádio que fizesse um programa semanal de música clássica brasileira, que me informam existe até hoje e é muito apreciado.

Minha carreira diplomática estava chegando ao fim em 1984, quando fui designado embaixador em Berlim, onde trabalharia até meados de 1987, ao ser aposentado por limite de idade. Tinha então 66 anos e meio. Como é do conhecimento de todos, o movimento musical na capital alemã é estupendo, comparável a Nova York, Paris ou Londres. Fiz bons contatos com as autoridades musicais e conheci pessoalmente o grande maestro Karajan em reunião social. Perguntei-lhe por que a Filarmônica não havia gravado alguma obra de Villa-Lobos. Não gostava da música dele? Karajan olhou-me bem nos olhos e disse: Você não conhece a gravação das *Bachianas* feita pela orquestra de violoncelos da Filarmônica? Respondi afirmativamente e elogiei a gravação. Karajan comentou: quem autorizou a gravação e aprovou a versão final fui eu. Ele já estava bem velho e andava com dificuldade. Para ele chegar ao pódio e dirigir a orquestra, construíram um bonito corrimão. Ele usava uma espécie de sapato de tênis preto e, na verdade, parecia dirigir em transe, sacudindo a batuta de modo estranho. A orquestra guiava-se mais pelo *spalla* do que pelo grande regente. Era constrangedor.

Em Berlim, sem querer, fiz uma maldade com os intérpretes da ópera *Boris Godunov*, que estava sendo levada em versão condensada com cenários e montagem de péssimo gosto. Comentei o fato com o embaixador soviético e lhe disse que estavam fazendo um verdadeiro insulto à música do grande Mussorgsky. Sugeri que ele enviasse o adido cultural para julgar. Retrucou-me que ele mesmo iria ver a ópera e depois me daria sua opinião. Dias depois me telefonou dizendo que também havia ficado chocado com as liberdades tomadas pelo *regisseur* e contou-me que telefonou ao Primeiro Ministro para protestar. No dia seguinte saiu nos jornais que todos os espetáculos programados do *Boris Godunov* estavam cancelados. Fiquei com pena dos artistas que estavam contratados para várias récitas...

Foi na biblioteca do belíssimo Instituto Ibero-Latino-Americano de Berlim que descobri a versão russa, pirata, da minha biografia de Villa-Lobos. Lá encontrei vários livros meus e uma entrada em russo. O Diretor mandou buscar o exemplar e me espantei ao ver a modesta edição feita em Leningrado em 1977, a que já me referi. Fiquei surpreso, lisonjeado e também indignado, pois poderia ter incluído nessa edição russa muitas novidades que não constavam da edição francesa, publicada dez anos antes. Pedi ao embaixador soviético que me conseguisse alguns exemplares e um mês depois me ofereceu apenas três, um deles muito gasto, afirmando que a edição estava esgotada.

Durante a minha estada em Berlim fiz boa amizade com o maestro Kurt Masur, casado com uma nisei paulistana. Alguns meses antes do centenário de nascimento de Villa-Lobos procurei Kurt Masur em Leipzig e convenci-o do simbolismo de uma homenagem da orquestra Gewandhaus, da cidade de Bach, ao autor das *Bachianas*, pela execução de algumas obras suas. Primeiramente ficou acertado que Masur faria as *Bachianas* n°1, n°2, n°4 e n°5, tendo por solista sua esposa. Seriam dois concertos só com música de Villa-Lobos, em Leipzig e outros dois em Berlim, no belo Schauspielhaus. Fiquei contentíssimo, pois não poderia ser melhor. Dias depois, Masur me telefonou dizendo que a casa Max Eschig estava cobrando muito caro pelo aluguel do material de orquestra e que por esse motivo ele iria se limitar a interpretar apenas as *Bachianas* n°1 e n°5, completando o programa com outro autor. Enviei material informativo sobre essas obras para a preparação dos programas de Leipzig e de Berlim e aguardei ansiosamente os concertos. As peças foram aplaudidíssimas e confesso que nunca ouvi a *Bachiana* n°1 soar tão bem como no lindo salão do Schauspielhaus de Berlim. Mande a notícia para os principais jornais do Brasil, mas não me chegou nenhum recorte mencionando aquele fato tão auspicioso.

Em meados de 1987 já estava no Rio de Janeiro definitivamente aposentado. Retomei contato com a Academia, então presidida por Marlos Nobre, e comecei a escrever meu livrinho sobre Cláudio Santoro, que havia me visitado em Berlim. O centenário de Villa-Lobos ensejou a publicação da 7ª edição do meu “Villa-Lobos” pelo Museu, uma edição em espanhol condensada foi publicada em Bogotá e no México e a bela edição italiana do *Villa-Lobos* foi publicada em Parma. Ofereci-me a Edino Krieger em 1987 para organizar livros de homenagem a Francisco Mignone e Camargo Guarnieri, que iriam aniversariar em breve. O livro Mignone foi finalmente publicado onze anos depois, em 1998, pela FUNARTE e o segundo foi terminado por Flavio Silva em 2004.

Em 1991 meti-me em uma enrascada por causa da ABM: Marlos Nobre há anos não prestava contas a seus colegas, nem realizava eleições para preencher as vagas que ocorriam. Um grupo de acadêmicos veio ver-me em meu apartamento do Leme para solicitar que eu encabeçasse uma chapa nas eleições para a presidência, que Marlos finalmente havia decidido convocar. Graças ao apoio de Camargo Guarnieri em São Paulo, vencemos por 14 votos a três. Marlos não se conformou e foi à justiça contra a chapa eleita, alegando fraude. Luis Paulo Horta publicou em "O Globo" um artigo magistral, intitulado "Odor de Maracutaia", que resumia todo o imbróglio da ABM. A luta judiciária durou dois anos e eu adquiri o mau hábito de visitar o fórum duas ou, até mesmo, três vezes por semana. O esforço valeu, pois o pleito foi julgado sem fundamento. No ínterim, meu mandato como presidente se esgotou e, cansado, preferi não me candidatar às próximas eleições, quando Ricardo Tacuchian foi eleito e iniciou a reorganização da Academia, missão que está ultimando com sucesso agora, em seu segundo mandato.

Nos últimos dez anos tenho dedicado minhas atividades mais a temas da história do Brasil do que à música. Participei de um documentário sobre JK e outro sobre Villa-Lobos, que tem sido frequentemente transmitido pelas TVs. Aceitei fazer uma atualização e revisão da minha “História da Música no Brasil”, que saiu em 2000 e foi premiada pela APCA, de São Paulo, como já mencionei. Curiosamente, combinei com José Maria Neves que, após a minha morte, ele faria as atualizações necessárias a essa obra e disso notificamos o editor.

Entretanto, Deus ironicamente optou por chamá-lo bem antes de mim, embora ele fosse vinte anos mais jovem. Em 2002, a Academia Paulista de História concedeu-me o Prêmio Clio pela publicação da 6ª edição de “A Canção de Câmara no Brasil”, obra patrocinada pela ABM.

Em 2003, Andrea Jakobsson me encomendou o texto para um livro de arte sobre a música clássica brasileira. Daí resultou talvez o mais belo livro sobre a nossa música erudita, fartamente ilustrado a cores, com fotos de nossos principais compositores e artistas. O texto é um resumo da minha “História da Música no Brasil”. Em 2006, aquela mesma prestigiosa Academia Paulista de História concedeu-me novamente o Prêmio Clio pela 12ª edição, revista e atualizada, da minha biografia de Villa-Lobos. Tenho colaborado intensamente na nossa revista "Brasiliana" com artigos variados, a pedido de nosso presidente Ricardo Tacuchian.

No início de 2007 fui convidado pelo Prefeito César Maia, por indicação amável de Alberto da Costa e Silva, presidente da comissão dos festejos dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, para escrever um pequeno livro sobre "A música no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI", cujos originais entreguei meses atrás. Essa obra deverá vir à luz no fim do ano corrente, ao lado de outras encomendadas com o mesmo objetivo. Se levarmos em conta que já alcancei os 86 anos de idade, tudo indica que esse livro será minha última obra sobre música. Aliás, surpreendi-me recentemente quando contei 56 livros publicados de vários gêneros, a maior parte sobre música. Naturalmente, esse índice elevado não significa que produzi 56 livros diferentes, pois alguns deles tiveram numerosas re-edições ao longo dos anos.

E chegamos assim ao fim desta longa trajetória e também desta palestra tão cansativa, pelo que me desculpo. Foram mais de sessenta anos de atividades musicais de vários gêneros e me sinto satisfeito por haver contribuído para divulgar a música clássica brasileira, que tanto admiro, não só no Brasil como também no exterior. Infelizmente, os anos estão pesando cada vez mais e os achaques vão se acumulando. A minha última promessa é continuar frequentando a ABM enquanto a minha saúde permitir, e também seguir contribuindo para a "Brasiliana" quando solicitado. Muito obrigado.